

## **“Adélia” é que é mulher de verdade! O feminino e o feminismo na poesia de Adélia Prado e Adela Zamudio**

***"Adelia" is a real woman! The Feminine and Feminism in the Poetry of Adélia Prado and Adela Zamudio***

***"Adélia" es mujer de verdad!  
El femenino y el feminismo en la poesía de Adélia Prado y Adela Zamudio***

### **Adriene Ferreira de Mello**

Centro Universitário São José de Itaperuna (UniFSJ). Graduada em Letras/Português (UniFSJ).

### **Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt**

Doutora em Literatura Comparada (UFRJ).

### **Eliana Crispim França Luquetti**

Doutora em Linguística (UFRJ).

### **Luiza Guimarães Lanes**

Centro Universitário São José de Itaperuna (UniFSJ). Graduada em Letras/Português (UniFSJ).

### **Thayone Aparecida da Silva Soares**

Centro Universitário São José de Itaperuna (UniFSJ). Graduada em Letras/Português (UniFSJ).

**Resumo:** Este artigo baseia-se na produção poética da escritora mineira Adélia Prado e na da escritora boliviana Adela Zamudio. A motivação para esta aproximação deu-se curiosamente pela semelhança do prenome das escritoras e mostrou-se bastante fecunda a partir da constatação de que, embora distantes em seus espaços de escrita, são próximas na motivação de seus textos. A fim de contextualizar esta pesquisa, será realizado um breve panorama voltado para o *locus* da mulher no âmbito literário. O trabalho será de cunho bibliográfico e como aporte teórico, mencionaremos, principalmente, os trabalhos de Guzmán (1979), Cittelli (2009) e Cappellari (2013). Para compor o *corpus* de análise deste estudo foram selecionadas poesias das duas autoras. Por fim, concluiu-se que as inspirações do repertório poético de Adélia Prado e Adélia Zamudio ancoram-se nas vivências das respectivas escritoras e, desse modo, os textos de cada uma carregam particularidades referentes ao grupo social de suas épocas e de seus países.

**Palavras-chaves:** Adélia Prado; Adela Zamudio; feminino; feminismo.

**Abstract:** This article is based on the poetic production of the writer Adélia Prado and the Bolivian writer Adela Zamudio. The motivation for this approximation was curiously due to the similarity of the women's names and was very fruitful from the observation that, although distant in their spaces of writing, they are close in the motivation of their texts. In order to contextualize

this research, a brief overview will be made that focuses on the woman's locus in the literary sphere. The work will be bibliographical and as a theoretical contribution, we will mention, mainly, the works of Guzmán (1979), Cittelli (2009) and Cappellari (2013). To compose the corpus of analysis of this study were selected poetry of the two authors. Finally, it was concluded that the inspirations of the poetic repertoire of Adélia Prado and Adélia Zamudio are anchored in the experiences of the respective writers and, therefore, the texts of each one carry particularities referring to the social group of their times and their countries.

**Key-words:** Adélia Prado; Adela Zamudio; female; feminist.

**Resumen:** Este artículo se basa en la producción poética de la escritora minera Adélia Prado y la de la escritora boliviana Adela Zamudio. La motivación para esta aproximación se dio curiosamente por la semejanza del nombre de las escritoras y se mostró bastante fecunda a partir de la constatación de que, aunque distantes en sus espacios de escritura, son cercanas en la motivación de sus textos. A fin de contextualizar esta investigación, se realizará un breve panorama orientado hacia el locus de la mujer en el ámbito literario. El trabajo será de cuño bibliográfico y como aporte teórico, mencionaremos, principalmente, los trabajos de Guzmán (1979), Cittelli (2009) y Cappellari (2013). Para componer el corpus de análisis de este estudio fueron seleccionadas poesías de las dos autoras. Por último, se concluyó que las inspiraciones del repertorio poético de Adélia Prado y Adélia Zamudio se anclan en las vivencias de las respectivas escritoras y, de ese modo, los textos de cada una cargan particularidades referentes al grupo social de sus épocas y de sus países.

**Palabras claves:** Adélia Prado; Adela Zamudio; femenina; feminismo.

### Considerações Iniciais

Tanto a autora boliviana quanto a autora brasileira produziram sua poética em momentos diferentes em seus países. No entanto, ainda que distantes no espaço e no tempo, a defesa do papel feminino permeou a produção de cada uma delas.

Na primeira seção, será enfatizada a poesia de Adela Zamudio, que varia do tom romântico e subjetivo ao discurso modernista de defesa do posicionamento e da escolha da mulher numa sociedade nitidamente patriarcal. Foram selecionados textos e fragmentos de textos que melhor destacam suas características e a tornaram a escritora mais importante da Bolívia.

Na segunda seção, será observado o repertório poético da mineira Adélia Prado, que é, por sua vez, muito influenciado pelas vivências da autora, com destaque para a presença da temática do cotidiano a fim de que se

perceba como as características do interior de Minas Gerais são abordadas em sua poética. Sobre esse aspecto, Cittelli afirma que:

o cotidiano de Adélia Prado tem como espaço quintais, casas, hortas, cozinhas, salas, igrejas, cemitérios. Nesses espaços são expressos a religiosidade, as conversas entre amigos e familiares, a morte, a saudade do pai e da mãe falecidos, os desejos do corpo, entre outros temas. Sendo o cotidiano da escritora simples, prosaico e caseiro, sua poesia espelha esse universo, fato que produziu o estereótipo da dona de casa provincialmente mineira. Entretanto, a obra de Adélia, ainda que apresente uma superfície de fácil assimilação, é densa de significação (CITTELLI, 2009, p. 116).

Por fim, na terceira seção, ao aproximar a produção poética das duas autoras, observaremos o quanto a temática do feminismo e do papel da mulher está arraigado na escrita das duas autoras a ponto de ser o destaque em suas respectivas obras.

### **1. Adela Zamudio: a voz vanguardista da Bolívia**

A título de contextualização, cabe mencionar que Adela Zamudio é uma escritora boliviana, da cidade de Cochabamba, nascida em 11 de outubro de 1854 e considerada uma das precursoras do feminismo em seu país. Publicou seus primeiros versos em folhetim com 14 anos de idade sob o pseudônimo de “Soledad”.

Ainda bem jovem, com 23 anos, começou a publicar seus versos no periódico *El Heraldo* e, a partir desse momento, começou a ser reconhecida e divulgada nos círculos literários da Bolívia e do exterior.

Teve seu primeiro livro, chamado *Ensayo Poéticos*, publicado em 1887. Os críticos literários que se debruçam sobre sua trajetória e seus textos, sempre discutem se Adela ficou mais conhecida por sua vida ou sua obra, porque a autora boliviana sempre se destacou por elevar o papel feminino em seu país e foi considerada uma rebelde ante seu tempo. Aparece como escritora no final do século XIX e princípio do século XX, período no qual, é apresentada, na literatura, uma convivência de correntes distintas.

Sempre preocupada com as incoerências das instituições-chaves: a igreja católica e a instituição educacional, Adela mostra, em sua poesia, um eu

lírico em conflito evidente com seu entorno, já que este não lhe oferece satisfação alguma, conforme ilustra a poesia abaixo:

“Amar, llorar y sufrir  
Es El amargo destino  
De todo ser que há venido  
A cruzar este caminho” (ZAMUDIO, 1993, p.14).

Nessa perspectiva, em um gesto tipicamente romântico, Adela opta por evadir-se e refugiar-se em si mesma:

“Su expresión es de paz; pero impulsionada  
Por inquietud constante,  
Va por ele mundo ensimesmada y muda  
Como fantasma errante” (ZAMUDIO, 1993, p.25).

Este “eu”, constituído no centro irremediável do discurso poético, nos conecta com outras duas particularidades do viés romântico de Adela Zamudio: o subjetivismo e a melancolia. Diante dessa constatação, é interessante explicitar que a escritora boliviana pode ser considerada uma poetisa romântica, na medida em que sua obra apresenta forte relação com o Romantismo Espanhol e difere de outros países da Europa, ao apresentar um espírito religioso mais latente. Percebe-se, nesse contexto, a expressão da espiritualidade na contemplação da natureza como obra divina, exaltando-a como um espaço majestoso que enaltece os sentidos:

“¡ Oh artista, que prendados de su belleza  
Copiáis la esplendorosa naturaleza  
¿ No os preguntáis a veces por qué escenario  
Tan bello y tan grandioso fue necesario,  
Decorado con tanta magnificencia  
Para este triste drama de la existencia  
En el físico mundo, todo armonía  
¿Qué es la vida. ¡miseria ! ¡sueño de un día!” (ZAMUDIO, 1993, p. 59).

### 1.1 Adela contra a hipocrisia religiosa

Em 1903, Adela publica o poema “Quo Vadis?”, cuja conotação e voz denunciatória contra a desigualdade social e a hipocrisia da Igreja Católica vão

lhe render a excomunhão da igreja e um embate eclesiástico. A audácia da voz literária dessa escritora é ainda mais potencializada ao ser configurada como a única representante da intelectualidade boliviana a questionar o fanatismo exacerbado, como exemplifica o seguinte fragmento:

“La Roma que tus mártires supieron  
En horribles suplicios perecer  
es hoy lo que los césares quisieron:  
Emporio de elegancia y de placer  
Allí está pedro. El pescador que un día  
Predicó la pobreza y la humildad  
Cubierto de lujosa pedrería  
Ostenta su poder y majestade” (ZAMUDIO, 1993, p.32).

Ao assumir a direção do Liceu de Senhoritas, em 1905, com o objetivo de proporcionar às mulheres uma opção além do matrimônio e da maternidade, Adela incomodou a Liga das Senhoras Católicas de Cochabamba ao propor uma escola laica e provocou, com sua ação, a ira de Frei Pierini, que dirigia uma escola religiosa chamada Classe Superior de Senhoritas. Esse desacerto fica explícito no discurso de Adela, relatado por Guzmán:

“El fin no justifica los medios...Si essa clase se fundó para moralizar a la niñez, por qué, para sosteneria se desmoraliza la niñez?... como educadora protesto em voz alta contra essas exhibiciones infantiles que no dicen bien de nuestra cultura. Ya que nustras costumbres, poco definidas, nos inducen a explotar la gracia de los niños, em beneficio de obras de caridad, bien o mal entendida, sepamos por lo menos presentarlos sin escarnio de su inocencia” (ZAMUDIO apud GUZMÁN, 1979, p.106).

As histórias que Adela legou para a posteridade, seja em prosa ou em verso, contêm múltiplas alusões à hipocrisia nas relações sociais e familiares. De acordo com Ruiz (2013), Adela não se esquivou de denunciar os filhos escondidos nas casas de seus próprios progenitores a título de “afilhados” e as jovens que se entregavam ao matrimônio, muitas vezes, arranjados pelos párocos, para “apagar um mau passo”:

“La vida es um gran baile  
Com antifaces  
En que todos lós hombres  
usan disfraces:

y en El que todos  
se adorna  
com oropes  
de vários modos” (ZAMUDIO, 1993, p. 33).

Exercer publicamente uma crítica deste calibre não era uma situação muito fácil. Isso lhe rendeu muitos desconfortos e desafetos, mas, em contrapartida, muito reconhecimento da alta intelectualidade boliviana.

## 2. Adélia Prado e a temática do cotidiano mineiro

A abordagem de fatos do cotidiano que Adélia apresenta em muitas de suas poesias não é um fato inédito nas produções literárias: autores, como Manuel Bandeira, já haviam utilizado os fatos do “dia a dia” como fonte de inspiração para sua escrita. No entanto, Adélia Prado torna sua produção singular ao apresentar suas próprias vivências cotidianas ao leitor e acreditar que a inspiração “surge a partir da experiência concreta de uma vida social mais centrada no espaço privado” (OLIVEIRA, 2012, p. 37).

A própria autora garantiu, em uma entrevista à revista Cult (2010) <sup>1</sup>, quando perguntada sobre a relação de suas experiências com sua poesia, que

o cotidiano é minha matéria-prima, pedra onde garimpo não só o ouro, mas a própria pedra. Se a poesia é experiência? Sim. Doutro modo não seria a linguagem que a torna “a lingua-gem por excelência” (CULT, 2010).

Subentende-se, portanto, que a temática cotidiana inspirada nas vivências do dia a dia da autora outorga um caráter quase autobiográfico às suas poesias, tendo em vista que elementos, como a saudade de seu pai e de sua mãe, emoções tão íntimas da autora, são apresentadas ao leitor como uma forma de mostrar que a poesia é resultado, de fato, da experiência.

Por buscar em seu cotidiano a inspiração para suas poesias, Adélia acaba encontrando outra temática a ser explorada: a religiosidade. Católica confessa, a autora utiliza de diversas intertextualidades bíblicas para transmitir aquilo que deseja fomentar no leitor. Quanto a esse aspecto, Oliveira (2012b) evidencia que a poesia da autora

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/adelia-prado-garimpa-poetica-do-cotidiano/>>. Acesso em 01 jun. 2018.

apesar de fortemente influenciada pelo catolicismo, não é dogmática, ela não formula uma verdade para o leitor. Há o compartilhar dos ensinamentos que lhe foram dados através dos sacramentos do batismo, da eucaristia e do casamento (p. 44).

Se para Adélia a poesia é experiência, ela deixa claro que a religiosidade permeia sua vida desde a infância, mas isso não a faz perfeita, pelo contrário, a poesia da autora mostra as fraquezas dos fiéis e a força que a fé pode exercer sobre o ser humano o transformando em alguém munido de mais qualidades, como a compaixão e a caridade.

Em diversos poemas, a autora demonstra a influência direta que a religiosidade de seu cotidiano exerce sobre a sua escrita, como em *Círculo*: “Comíamos com fome, era 12 de outubro/ e a Rádio Aparecida conclamava os fiéis/ a louvar a Mãe de Deus (...)”, em *Saudação*, “Ave, Maria!/ Ave, carne florescida em Jesus” e em *Antes do nome*, “Quem entender a linguagem entende Deus”. Sobre isso, é importante ressaltar o que diz Cappellari (2013):

O eu lírico parece sempre tão próximo a Deus e, ao mesmo tempo que o torna soberano, pois ele está em tudo, o traz para perto, como pessoa íntima, presente sempre em seu cotidiano desde menina, não somente pela educação católica que recebera, mas pela identificação com o que é divino. Deus está em todas as coisas, por todos os lados [...] (p. 66).

Percebe-se, pois, que a temática religiosa está relacionada à busca da autora por contextos e inspirações para sua poesia. Por isso, pode-se afirmar que Adélia é uma poetisa que escreve aquilo que vivencia e considera importante compartilhar com o outro. Isso confere a sua obra uma singularidade incontestável, pois a autenticidade do texto aproxima o leitor do sentimento do eu lírico.

Nesse viés, pode-se inferir que é natural que ela escreva, também, sobre o lugar em que vive. Desde seu nascimento, Adélia reside em Divinópolis, cidade de Minas Gerais, e transporta o cotidiano de sua cidade, para suas poesias como pode ser observado neste texto:

Regional

“O sino da minha terra

ainda bate às primeiras sextas-feiras,  
por devoção ao coração de Jesus.  
Em que outro lugar do mundo isto acontece?  
Em que outro Brasil se escrevem cartas assim?  
o santo padre Pio XII deixou para morrer logo hoje,  
último dia das apurações.  
Guardamos os foguetes.  
Em respeito de sua santidade não soltamos.  
Nós vamos indo do mesmo jeito, não remamos, nem descemos da canoa.  
Esta semana foi a festa de São Francisco,  
fiz este canto imitado:  
louvado sejas, meu Senhor,  
pela flor da maria-preta,  
por cujo odor e doçura  
as formigas e abelhas endoidecem,  
cuja forma humílima me atrai,  
me instiga o pensamento  
de que não preciso ser jovem nem bonita  
para atrair os homens e o que neles  
ferroa como nos zangões.  
[...]"

Fonte: Adélia Prado: reunião de poesia, 2013, p. 113.

Em *Regional*, a alusão ao típico estilo das cidades mineiras é apresentada desde o primeiro verso: “O sino da minha terra”. O termo ‘minha terra’ demonstra que o eu lírico tem a intenção de especificar que apenas sua terra ainda preserva as tradições religiosas que antes eram comuns às demais cidades. Ao longo de todo o poema, a ideia de que apenas naquele lugar ainda se conservam certos costumes é reforçada, o que faz pensar que Adélia busca apresentar ao leitor, através da voz do eu lírico, que em Divinópolis e em outras cidades de Minas Gerais, os ‘sinais de respeito’ ainda são mantidos, como guardar os foguetes “em respeito de sua santidade”. No que se refere a essa relação entre pessoas e coisas, Cappellari afirma que:

Coisas e pessoas, dois elementos que, além da consciência de si, ecoam na poesia de Adélia, dando-lhe um vasto conteúdo a ser abordado, já que o cotidiano é composto por eles. A presença das “coisas” mostra que tudo que está ao seu redor merece estar no poema (2013, p. 88).

### 3. A “rua” onde as duas “Adélias” se encontram

Nesse momento, estrutura-se a necessidade de explicar a escolha das duas escritoras cujos textos são o *corpus* deste artigo. Adela Zamudio apresenta uma poesia feminista numa época em que os objetivos centrais da mulher eram o casamento e os filhos. Sendo assim, a escritora utiliza-se do texto poético para questionar essa situação e, mais especificamente, o papel da mulher e do homem neste contexto patriarcal.

Consideraremos o que nos levou a aproximar Adela Zamudio de Adélia Prado, ponderando que elas são escritoras tão distantes entre si no tempo e no espaço: bem, além de serem escritoras aclamadas dentro de suas respectivas literaturas, boliviana e brasileira, uma marca de similitude faz com que pensemos em uma quando citamos a outra.

Sabe-se que a literatura é configurada como um reflexo social. Tanto no Brasil quanto na Bolívia, em um primeiro momento, as mulheres não tinham acesso à educação e se dedicavam, exclusivamente, aos afazeres domésticos. Posteriormente, em meados do século XIX, iniciou-se a educação privada voltada para o público feminino, ou seja, ainda havia uma restrição severa, pois os indivíduos mais ricos constituíam uma pequena parcela da população. Além disso, os ensinamentos transmitidos nessas instituições eram, predominantemente, voltados para noções de etiqueta e questões domésticas.

Diante dessa conjuntura, pode-se afirmar que a fala poética das duas “Adélias” destaca o papel da mulher consciente de seu lugar ante uma sociedade que, muitas vezes, lhe nega isso.

Sob uma ótica específica, Adela Zamudio é considerada o maior ícone do feminismo boliviano, a ponto de sua data de nascimento ter sido escolhida para representar o dia da mulher boliviana. A fim de comprovar tal magnitude, é interessante destacar o texto *Nacer hombre*, que é compreendido como um grito de guerra das Bolivianas na luta pela posição da mulher na sociedade:

“! Cuánto trabajo ella pasa  
por corregir la torpeza  
de su esposo, y em la casa!  
(Permitidme que me asombre)  
Tan inepto como fatuo,  
sigue él siendo la cabeza,

!Porque es hombre!  
Si algunos versos escribe  
de alguno esos versos son,  
que ella sólo los suscribe  
(Permitidme que me asombre)  
Si esse alguno no es poeta,  
?Por qué tal suposición?  
!Porque es hombre!  
Una mujer superior  
em elecciones no vota,  
y vota el pillo peor  
(Permitidme que me asombre)  
Con tal que aprenda a firmar  
puede votar un idiota,  
!Porque es hombre!  
Él se abate y bebe o juega  
em un revés de la suerte:  
ella sufre, lucha y ruega  
(Permitidme que me asombre)  
Que a ella se llame el “ser fuerte”  
!Porque es hombre!  
Ella debe perdonar  
siéndole su esposo infiel;  
pero él se puede vengar  
(Permitidme que me asombre)  
En un caso semejante  
hasta puede matar él,  
!Porque es hombre”  
!Oh, mortal privilegiado,  
que de perfecto y cabal  
gozas seguro renombre!  
En todo caso, para esto,  
te ha bastado  
nacer hombre” (ZAMUDIO, 1993, p. 32-33).

Este texto reflète a indignação de viver sob o domínio de um sistema patriarcal e mostra que a mulher boliviana, de forma geral, no século XIX não aspirava a nada além de ser esposa e mãe. O texto *Nacer hombre*, no qual se contrasta a figura do homem incompetente com a mulher capaz, foi fundamental para construir a fama de feminista de Adela Zamudio.

A poesia feminista de Adélia Prado a aproxima da outra “Adélia”, mas, diferentemente, o feminismo de Adélia ora propõe “carregar bandeiras”, mas reconhece que a espécie feminina é ainda “envergonhada”, ora entende que o feminismo é uma luta a favor da escolha da mulher, isto é – que a mulher case apenas quando e, se quiser casar, que tenha filhos apenas quando e, se quiser tê-los e que seja livre para fazer essas escolhas, não sendo julgada se não

quiser fazê-las e, se desejar, até “descamar os peixes” que o marido trouxe de sua pescaria sem se sentir inferiorizada.

Logo, percebe-se que essa manifestação faz com que seus textos sejam uma forma de se reencontrar e de buscar sua própria identidade feminina:

“Há mulheres que dizem:  
 Meu marido, se quiser pescar, pesque,  
 mas que limpe os peixes.  
 Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,  
 ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.  
 É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,  
 de vez em quando os cotovelos se esbarram,  
 ele fala coisas como “este foi difícil”  
 “prateou no ar dando rabanadas”  
 e faz o gesto com a mão.  
 O silêncio de quando nos vimos a primeira vez  
 atravessa a cozinha como um rio profundo.  
 Por fim, os peixes na travessa,  
 vamos dormir.  
 Coisas prateadas espocam:  
 somos noivo e noiva” (PRADO, 2013, p. 136).

Esse poema demonstra claramente a imponente mulher-poetisa incorporada à simplicidade da mulher e do ser mulher que pode “carregar bandeiras” ou escolher “descamar os peixes”. Nessa mesma linha de raciocínio, merece destaque a poesia *Com licença poética*:

“Quando nasci um anjo esbelto,  
 desses que tocam trombeta, anunciou:  
 vai carregar bandeira.  
 Cargo muito pesado pra mulher,  
 esta espécie ainda envergonhada.  
 Aceito os subterfúgios que me cabem,  
 sem precisar mentir.  
 Não sou tão feia que não possa casar,  
 acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
 ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
 Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
 Inauguro linhagens, fundo reinos  
 - dor não é amargura.  
 Minha tristeza não tem pedigree,  
 já a minha vontade da alegria,  
 sua raiz vai ao meu mil avô.  
 Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.  
 Mulher é desdobrável. Eu sou” (PRADO, 2013, p. 19).

Tais ponderações nos mostra, mais uma vez, que Adélia Prado não estava preocupada com o feminismo radical, mas sim com a identidade

feminina da mulher, sendo mãe e escritora, entre outras funções. Com isso, percebemos que o eu lírico do poema *Com licença poética* manifesta seu verdadeiro modo sem deixar de lado suas inseguranças e qualidades e uma delas é a de ser desdobrável.

Ainda sob esse prisma, encontra-se *Grande desejo*, um dos poemas que mais definem a visão da mulher de acordo com o pensamento da autora:

“Não sou matrona, mãe dos Gracos, Cornélia,  
sou é mulher do povo, mãe de filhos, Adélia.  
Faço comida e como.  
Aos domingos bato o osso no prato pra chamar o cachorro  
e atiro os restos.  
Quando dói, grito ai,  
quando é bom, fico bruta,  
as sensibilidades sem governo.  
Mas tenho meus prantos,  
claridades atrás do meu estômago humilde  
e fortíssima voz pra cânticos de festa.  
Quando escrever o livro com o meu nome  
e o nome que eu vou pôr nele, vou com ele a uma igreja,  
a uma lápide, a um descampado,  
para chorar, chorar e chorar,  
requintada e esquisita como uma dama” (PRADO, 2013, p. 20).

Neste poema, o eu lírico traz nos primeiros versos: “*Não sou matrona, mãe dos Gracos, Cornélia,/ sou é mulher do povo, mãe de filhos, Adélia./ Faço comida e como.*” Há uma aproximação do eu lírico com a figura da “mulher comum”, a “mulher do dia a dia”, a “mãe”. Tal semelhança não se dá somente pelo fato de ela se declarar assim, mas também pela enumeração de atos comuns a muitas mães e pela exposição de sentimentos e sensações, tais como doer, gritar, chorar. Porém, mesmo quando chora copiosamente, apresenta-se requintada como uma dama.

Acreditamos que a maior ousadia da escrita Adeliana seja apresentar a posição de uma mulher no que diz respeito à poesia de carga erótica. Ao lado da negligência educacional perpetuada por muitos anos em relação à mulher, encontra-se um acanhamento por parte do gênero feminino diante do texto erótico. Sob outro prisma, essa adversidade está vinculada ao fato da sociedade brasileira, de forma geral, encontrar-se arraigada a valores

patriarcais. Nesse contexto, pode-se dizer que a atitude feminina de abordar o erotismo em uma produção textual é audaciosa.

Nota-se que o erotismo é uma das principais características que permeiam o discurso literário da escritora mineira Adélia Prado. No entanto, é importante destacar que essa temática, sob a perspectiva Adeliana, apresenta algumas particularidades. *A priori*, é importante destacar que essa escritora não vê o erotismo como algo estereotipado, mas sim como um dos constituintes da essência humana, uma vez que “através da concepção do corpo sagrado, sexo e sexualidade deixam de ser tabu e abre espaço para que eles possam ser entendidos enquanto alimento do corpo e da alma” (OLIVEIRA, 2012b, p. 50).

A fim de ilustrar essa ideia de analisar o erotismo como algo intrínseco à natureza humana, é válido analisar um verso do poema *Disritmia*, de Adélia Prado, no qual ela enfatiza que “Erótico é a alma” (PRADO apud OLIVEIRA, 2012a, p.106). Atenta a um possível estranhamento causado por um “erro de concordância” observado no verso acima, Cleide Maria de Oliveira, em *Erotismo, mística e morte: a tríade adeliana*, diz que:

pode enganar olhos menos atentos que, acreditando ver um erro de concordância (afinal, erótica, e não erótico, é a alma), deixam escapar certas sutilezas do verso. Se erótica fosse a alma seria uma equação simples: revela a alma certas qualidades sensoriais que tornam possível a identificação entre física e metafísica, o que não chega a ser nenhuma novidade, posto que esse foi um tema constantemente retomado pelos românticos na enunciação da alma gêmea e no cultivo do amor platônico. Entretanto, a simplicidade se desfaz na análise acurada do enunciado acima: erótico é a alma, isto é, o campo do substantivo erótico se deixa invadir pelo substantivo alma, e a relação que se estabelece entre erótico e alma deixa de ser de determinante e determinado, em que a alma seja determinada pelo erótico, ou vice-versa, tornando-se de mútua equivalência, em que isto se iguala a aquilo. Assim, todo o cenário do erótico se expande a uma realidade que ultrapassa a corporalidade e se inscreve na transcendência, enquanto o signo alma torna-se pesado e pungente, quase corpóreo (2012a, p. 106).

Por outro lado, a poesia de Adélia Prado, ao vincular o erotismo à religiosidade, desconstrói os tabus que envolvem a sexualidade feminina,

conforme reitera Paloma do Nascimento Oliveira, em *Cotidiano, Religiosidade e Erotismo em Adélia Prado*:

Dessa forma, é possível destacar que a vivência erótica que encontramos na poesia de Adélia revela um posicionamento que retira da mulher o sentimento de culpa e vergonha diante de sua sexualidade. Essa abordagem também abre caminhos para que a mulher possa se sentir à vontade para construir uma relação de equilíbrio entre corpo, prazer e fé (2012b, p. 51).

O erotismo presente na poesia de Adélia Prado é uma resposta contrária a todos os padrões impostos às mulheres de sua época e, também, uma maneira de mostrar, através da escrita, outras características da mulher real. Quanto a esse assunto, Oliveira (2012b, p. 48) afirma que

o erotismo construído pela autora não se confunde à pornografia, não é alicerçado em bases de teor vulgar ou ligado a uma sexualidade despudorada. O erótico da vertente adeliana é inovador por trazer um peculiar misticismo e por surgir da experiência e dos questionamentos de uma mulher fortemente ligada ao ambiente doméstico e a uma tradição religiosa.

Desse modo, nota-se que a intenção de Adélia, ao defender a ideia de que apesar de religiosa, a mulher também é movida por desejos e anseios do corpo e isso não a faz pecadora ou despudorada, é mostrar o que está recluso em muitas mulheres. Em *Entrevista*, Adélia explicita o julgamento que as mulheres sofriam ao tratar do sexo com naturalidade:

Um homem do mundo me perguntou:  
o que você pensa de sexo?  
Uma das maravilhas da criação, eu respondi.  
/Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas  
e esperava que eu dissesse maldição,  
só porque antes lhe confiara:  
o destino do homem é a santidade  
(PRADO, 1995, p. 212).

Nesse trecho, ela demonstra o quanto religiosidade e erotismo são vistos como coisas tão distantes, mas que podem ser sentidas com a mesma intensidade. O que a autora propõe é uma quebra de paradigmas acerca de assuntos como o sexo, e, por isso, une, em seus textos, o religioso e o erótico -

duas temáticas consideradas tão opostas, mas que para o ser humano deveriam ser naturais. Ela derruba preceitos ao ter a coragem de dizer coisas que uma mulher católica jamais diria, mas que sente como qualquer outra. Nota-se que Adélia, a partir desse ponto, levanta a bandeira a favor da liberdade feminina tão reprimida, até então.

### Considerações Finais

Ao analisar os poemas de Adela Zamudio e Adélia Prado, identifica-se, com clareza, a intencionalidade do eu lírico ao tratar da identificação do ser mulher e da autodescoberta que as leituras dos referidos poemas proporcionam. Conseqüentemente, ao pensar na identidade feminina como instrumento da construção de alguns dos poemas de Adela Zamudio e de Adélia Prado, verifica-se que as inspirações para a articulação dos poemas foram retiradas da vida das próprias autoras, com características peculiares referentes ao grupo social de suas épocas e de seus países.

Se, na opinião de Ataulpho Alves e Mario Lago, Amélia é que era mulher de verdade, porque passava fome ao lado de seu companheiro e não tinha a menor vaidade, em nossa humilde opinião acadêmica, mulher de verdade luta, grita e faz valer a sua vontade. Por isso, Adélia é que é mulher de verdade! As duas.

### Referências Bibliográficas

CAPPELLARI, Jaqueline Alice. **A percepção do cotidiano na poesia de Adélia Prado**. Dissertação de Mestrado em Literatura. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

CITELLI, Adilson. **O cotidiano revelado na poesia de Adélia Prado**. *Revista Comunicação e Educação*, v. 14, n.1. São Paulo: 2009.

GUZMÁN, Augusto. **Adela Zamudio**. Libreria Editorial, Tercera Edición, 1979, Bolívia.

OLIVEIRA, Cleide Maria de. **Erotismo, mística e morte: a tríade adeliana**. *Belo Horizonte*, v. 10, n. 25, p. 105-120, jan./mar. 2012a- ISSN: 2175-5841.

OLIVEIRA, Paloma do Nascimento. **Cotidiano, Religiosidade e Erotismo em Adélia Prado**. Dissertação de Mestrado em Letras. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012b.

PRADO, Adélia. **Reunião de Poesia**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2013.

Revista Cult: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/adelia-prado-garimpa-poetica-do-cotidiano/>. Acesso em: 01 jun. 2018.

RUIZ, VELÁSQUEZ Y ARAMAYO. **Adela Zamudio. La crítica y El poeta**. Ed. Plural, 2014 (lançamento da Universidade Mayor de San Andrés – UMSA).

ZAMUDIO, Adela. **Poetisa, educadora, polemista**. Poesias. IMPREBOL. La Paz, 1993.